

**Um bololô que constrói  
cenas e a pesquisa como  
processo de emancipação**  
*[A “bololô” that builds scenes and  
the research as a process of  
emancipation]*

REVISTA  
**com**política

revista compolítica

2022, 12(3)

[compolitica.org/revista](http://compolitica.org/revista)

ISSN: 2236-4781

DOI: 10.21878/compolitica.2022.12.650

Resenha de

ALTHEMAN, Francine. *Bololô, vamô ocupar*. Processos comunicativos, arranjos e cenas de dissenso da resistência secundarista. Curitiba: Appris Editora, 2022.

**Heidy Vargas**

Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM/SP)  
*[School of Higher Education in Advertising and Marketing]*

**Leuni Denoni**

Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM/SP)  
*[School of Higher Education in Advertising and Marketing]*

## *Um bololô que constrói cenas e a pesquisa como processo de emancipação*

Heidy VARGAS  
Leuni DENONI

Resenha da obra

ALTHEMAN, Francine. *Bololô, vamô ocupar*. Processos comunicativos, arranjos e cenas de dissenso da resistência secundarista. Curitiba: Appris Editora, 2022.

Escrito a partir da tese de Francine Altheman, o livro “Bololô, vamô ocupar: processos comunicativos, arranjos e cenas de dissenso da resistência secundarista” é o resultado de quatro anos de sua pesquisa de doutorado em Comunicação Social, realizado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em torno da resistência secundarista e seus processos de comunicação. Vencedora do prêmio Compós de Teses Eduardo Peñuela em 2021 com a pesquisa que compõe esse livro, Altheman propõe um desenvolvimento não linear como pesquisadora, que desvenda um processo de bricolagem e que mostra como o movimento secundarista é uma espécie de revolução em devir, permeada por cenas, táticas e ações que promovem métodos de comunicação próprios.

Sem interromper ou desfazer a conexão com o objeto de pesquisa, a resistência secundarista, Altheman propõe, com grande êxito, uma aposta teórico-metodológica que costura Rancière, Foucault e Deleuze, uma proposta um tanto incomum, que revela uma metodologia que pode ser aplicada para pesquisar diversos temas de pesquisa em comunicação e política, especialmente aqueles que envolvem movimentos identitários, resistências, ação de coletivos, pessoas em situações de vulnerabilidade, ou mesmo para estudos em torno de veículos de comunicação independentes.

No prefácio escrito pela professora Ângela Marques, do PPGCOM da UFMG, orientadora da pesquisa, temos um preâmbulo analítico do que será tratado no livro: como surgiu, qual o objeto de pesquisa, em quais elementos e métodos se baseia a análise, além de qual a principal aposta e proposta da obra e a relevância do trabalho. Marques revela uma descrição sensível da transformação temporal do posicionamento dos estudantes e a figuração de esperança que Francine Altheman descreve em sua obra como novas possibilidades de fazer política de resistência em nossa atualidade. Marques (2022,

p. 15) ressalta, no prefácio, que “o trabalho busca evidenciar disputas discursivas, relações de poder, experimentações de reconfiguração de imaginários políticos, institucionais e sociais”, além de enfatizar também os méritos de costura teórica e metodológica e a análise refinada proposta no trabalho empírico desenvolvido pela autora.

O primeiro capítulo do livro é uma necessária contextualização dos chamados “mais novos movimentos sociais<sup>1</sup>”, a partir da Primavera Árabe, passando por movimentos conhecidos deste século, como o Occupy Wall Street e o Indignados, além de apresentar as resistências importantes que aconteceram no Sul Global e culminaram na ocupação secundarista, como as Jornadas de Junho, no Brasil.

### *Um encontro com o objeto: uma proposta metodológica arriscada*

Utilizando o método da igualdade e o método da cena, a partir da leitura atenta de Rancière, para reconstruir as cenas de ocupação secundarista, em um verdadeiro processo de bricolagem, a pesquisadora busca ter como base a palavra, os modos de falar, ver, ler e escrever, aquilo que, na partilha policial do sensível, se mantém no anonimato. Ela nos apresenta um método de emancipação política por meio da ressignificação e da apresentação de novos termos e enunciados ao lado daqueles que foram adquirindo força de lei, que confere um espaço de reinvenção em construção para alcançar a igualdade entre os interlocutores. A história dos secundaristas emerge da modulação de uma presença e de um enunciado e suas formas de impactar nossos sentidos e de mobilizar nossos afetos.

Desse modo, o segundo capítulo do livro é uma fonte metodológica fundamental para qualquer pesquisador que se aventura pelas pesquisas em experiências emancipatórias e de sujeitos que engendram técnicas de si para superar suas situações de vulnerabilidades. Como a própria autora define, é uma grande aposta teórico-metodológica que leva o pesquisador a se expor ao objeto, refletir e caminhar junto com ele, em processo autoetnográfico. Construindo uma aproximação entre Rancière, com os métodos da cena e da igualdade, Foucault e Deleuze, em seu diálogo sobre dispositivos, e

---

<sup>1</sup> Os “mais novos movimentos sociais” é um termo trabalhado por Richard Day e Donatella della Porta para designar os movimentos de resistência que acontecem a partir de 2010. As principais características desse tipo de resistência são os princípios do novo anarquismo, a horizontalidade, com processos de comunicação autônomos e independentes, fortemente alicerçados nas redes sociais digitais, mas sem deixar de ocupar os espaços públicos.

Braga, com a definição de arranjos disposicionais, a partir de Foucault, o livro se torna uma rica fonte para refletir como fazer pesquisa no campo da comunicação.

O quinto capítulo dá continuidade a essa reflexão teórica, trazendo os conceitos para a análise empírica das violências sofridas pelos secundaristas durante as ocupações. A partir do diálogo entre Foucault e Deleuze, a autora estrutura o conceito de dispositivo de forma a compreender melhor sua contribuição para a reconstrução das cenas de enfrentamento como processos comunicacionais. Tendo em vista que os elementos dos dispositivos se comportam de maneira heterogênea (discursos, instituições, leis, decisões, enunciados etc.), a partir da leitura de Braga sobre arranjos disposicionais, a autora enquadra o conceito como um sistema de relações que se estabelece entre os secundaristas, em tentativas de arranjos que se organizam entre os sujeitos e situações violentas por eles experienciadas respondidas com urgência de forma estratégica.

Os terceiro e quarto capítulos mostram o encontro com o objeto de pesquisa, ou seja, a reconstrução das cenas da ocupação secundarista, tanto nas escolas, no processo de ocupação mesmo, quanto nas redes sociais e nos protestos nas ruas, analisando as táticas de resistência utilizadas pelos estudantes durante os meses de ocupação. Nesse momento, vemos o processo de bricolagem se desdobrando em nossa frente, com as cenas dentro de cenas se reconstruindo como um quebra-cabeça, em que a autora se utiliza de diversas peças, como as narrativas dos estudantes, como propõe o método da igualdade de Rancière, documentos, imagens, vídeos, postagens, performances e o próprio olhar da pesquisadora, além dos discursos veiculados pela mídia que também compõem uma das partes para reconstrução das cenas. Tal processo desnuda um estudo do grito abafado que escancara a desigualdade de nossa sociedade e Altheman apresenta muito bem quem são os sem-parte<sup>2</sup> nesse contexto e como estes utilizam da arte como uma nova concepção de liberdade, uma emancipação do sujeito por meio de códigos próprios, cartazes, vídeos produzidos pelos mesmos e performances, um modo de circulação da palavra que pertence à partilha democrática do sensível.

Altheman vislumbra a reconstrução da cena não só a partir do método de Rancière, mas também do diálogo entre Deleuze e Foucault sobre dispositivo, sendo este formado por diversas linhas:

---

<sup>2</sup> Como explica Altheman (2022, p. 60), “os “sem-parte”, no pensamento de Rancière, não necessariamente são os excluídos ou desprivilegiados em uma sociedade desigual, nem os grupos de minorias sociais, como negros, pobres, mulheres e homossexuais. [...] Aqueles que não se encaixam no comum e na partilha que vigoram na sociedade, e que não se configuram de forma igualitária, revelam que existe um desencaixe entre lugares destinados à ordenação e à classificação dos sujeitos (especialmente rotulados pelo tempo de que dispõem para a atividade política e o tipo de trabalho que executam) e a quantidade de pessoas que deveriam aí ser enquadradas. Os sem-parte demonstram que há um excesso de nomes, de palavras e de sujeitos que desejam construir o comum de uma forma diferente”.

visibilidade, enunciação, força e subjetivização, como propõe Deleuze. Sendo a última a "mais complexa de definir", como afirma a autora, esta é a borda extrema e se apresenta como uma possibilidade de desenredar as linhas que compõem os dispositivos da insurgência secundarista e que promovem fissuras transformadoras que levam à linha de subjetivização (e de individualização), formando até mesmo novos dispositivos. A partir disso, a pesquisadora ressalta que a outra possibilidade de experienciar as cenas, estas controladas pelas técnicas de governamentalidade biopolítica, se dá pela construção de uma "espiral" fabuladora a partir do emaranhado das linhas que definem possibilidade de emancipação e fuga de macrodispositivos e do dispositivo que rearranja por meio de fios a temporalidade.

Desse modo, para cada elemento em si podemos perceber um fio temporal diferente. Um vídeo, por exemplo, pode ter uma temporalidade diferente de uma peça de teatro, mas ambos são necessários para a reconstrução da cena. Outro ponto interessante que Altheman apresenta é a reconstrução de cenas dentro de cenas. Do mesmo modo em que ocorre a reconstrução da cena dos secundaristas, Altheman (2022, p. 56) apresenta sua própria perspectiva e se coloca para jogo, se tornando um dispositivo de reconstrução de cena pois é ela quem "monta a cena, quem traça uma articulação e elabora uma montagem entre grandes acontecimentos e multiplicidade de micro acontecimentos sensíveis (entre eles a transformação do olhar)".

Nesse sentido temporal, é importante ressaltar que o último capítulo é um reencontro com os secundaristas, em um processo de desocupação, que culmina nas cenas desses estudantes quatro anos depois do movimento engendrado por eles. Assim, é possível a resistência se manter em devir, no sentido deleuziano, por meio da experiência estética, das produções artísticas. O ponto forte do capítulo é a apresentação da peça de teatro "Quando Quebra Queima", produzida e encenada pelos mesmos estudantes que ocuparam as escolas em 2015, em uma retomada de suas histórias, de suas fabulações e de seus fazeres políticos por meio da arte. Segundo a autora, as manifestações pela arte mostram os desdobramentos de uma potência, "um excesso de afeto, de ideias e de palavras que transbordam entre eles durante a encenação" (ALTHEMAN, 2022, p. 279). Ou seja, a obra, como um todo, apresenta a reconstrução da cena, ligada automaticamente ao método da igualdade, por meio do entrelaçamento de uma rede de feixes discursivos e comunicacionais. Temos redes, feixes, fios temporais, além de ferramentas dos arranjos disposicionais, como o discurso dos sem-parte e a perspectiva da autora, para a reconstrução da cena tanto das ocupações quanto pós-ocupação. Nesse sentido, nós, pesquisadores, apresentamos também a nossa perspectiva da cena e construímos mais

uma cena diante da obra de Francine Altheman, do mesmo modo que outros leitores poderão também reconstruir mais uma cena diante dessas já apresentadas.

Refletimos aqui sobre uma aposta dentro da proposta de experimentação metodológica de Altheman, na qual o pesquisador também pode se transformar e até mesmo garantir sua emancipação política por meio do método. A pesquisadora afirma, logo no início da obra, que deveria se deixar afetar pelo objeto, no caso o movimento dos secundaristas em 2015. A imersão aqui apresentada só pode ter efeito quando a definição da metodologia surge de uma "invenção de si, que parte da ruptura do pesquisador com ideias arraigadas" (2022, p. 11), portanto, a exposição e reflexão com o objeto de pesquisa, em conjunto com a própria transformação e transição do olhar da autora, revela também um processo de emancipação política da mesma diante das técnicas de governamentalidade biopolíticas, principalmente no sentido de olhar e reacender a chama do discurso dos sem-parte.

### *Considerações finais*

Altheman se reinventa e reinventa a forma tradicional de fazer pesquisa, propondo uma outra alternativa, uma verdadeira bricolagem, um bololô, como o nome do livro propõe, uma amostra de emancipação política por meio da pesquisa. Estamos em tempo de modernidade líquida, tudo é imediato e efêmero, da mesma forma que os estudos sobre grupos considerados vulneráveis, como negros, LGBTQIAPN+, e outros, buscam repensar a psicanálise, o fazer jornalismo, cinema, publicidade e até mesmo política também devem ser repensados e, para além disso, devemos repensar novos métodos de pesquisa que se adaptem a novas ideias e situações da atualidade ou não. Estamos em tempo de reinvenção, uma reinvenção da metodologia, da pesquisa, do estudo, do ser e estudo do ser, processo esse decolonial quando comparado ao que chamamos de tradicional: a jaula da colonização imposta em nossa mente.

Trazer tais aspectos autoetnográficos para a análise de movimentos de insurgência, no caso dos secundaristas em 2015, é estudar o ser humano a partir de novos olhares e com novas estratégias de escuta das vozes abafadas até a expressão por meio de gritos que rompem a barreira tradicional, a partir do excesso de sentimentos e experiências sentidas ao longo da vida como sem-parte. Esses gritos, destacados por Altheman como processos de emancipação política, fazem parte de um arranjo

maior de ressignificar nossos olhares a ponto de nos mudar e instigar nossos corpos e mentes como seres de insurgência, ou seja, o transformar de dentro para fora e expressar também o nosso excesso.

Francine Altheman estuda a essência dos secundaristas com outros olhos e, ao mesmo tempo, se insere na narrativa mostrando seu descontentamento com os caminhos políticos a partir de 2015 e mostrando tanto a resistência da época quanto sua própria resistência ao escrever uma obra de tema tão relevante. A mistura de vozes daqueles que vivem na pele o sistema com aqueles que se transformam pela escuta, olhar e narrativa dos seres transpassa um método mais empático, que aproxima o pesquisador do objeto de estudo a ponto de ele mesmo se inserir na narrativa de autorreflexão, mesmo que superficial, de si. Temos aqui a própria pesquisa como ferramenta e processo de emancipação política.

## *Referências*

ALTHEMAN, Francine. *Bolô, vamos ocupar*. Processos comunicativos, arranjos e cenas de dissenso da resistência secundarista. Curitiba: Appris Editora, 2022.

## *Sobre o(a) autor(a)*

Heidy Vargas é jornalista, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Escola Superior de Propaganda e Marketing e professora de Documentário e Telejornalismo do curso de Jornalismo na mesma instituição. E-mail: [heidyvargas414@gmail.com](mailto:heidyvargas414@gmail.com)

Leuni Denoni é trans não-binária (elu/ele) e pessoa pesquisadora, artista e jornalista em formação pela Escola Superior de Propaganda e Marketing. E-mail: [leunidenoni@gmail.com](mailto:leunidenoni@gmail.com)

Data de submissão: 21/12/2022

Data de aprovação: 01/02/2023